arquivo & administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V. 6, N. 1, jan./jun. 2007

Fas. 75711 Clas. PER
Arquivo & Administração
v.6 n.1
jan./jun. 2007 ex.2

O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, fundada em 20 de outubro de 1971, com a finalidade de dignificar socialmente a profissão é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos – CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos – ALA.

Principais Objetivos

- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos, mesas-redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congressos, seminários, cursos e palestras;
- Cursos in company específicos para atender às necessidades das empresas.

Quadro Associativo

Podem ser admitidos como Sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.

Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB –

aab@aab.org.br

Av. Presidente Vargas, 1733- sala 903 CEP: 20.210-030 - Centro - Rio de Janeiro
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

arquivo & administração

v. 6, n. 1 jan./jun. 2007

SUMÁRIO

EDITORIAL 3 Paulino Lemes de Sousa Cardoso

ARTIGOS 5 Os princípios da teoria da classificação e o processo de organização de documentos de arquivo
Renato Tarciso Babosa de Sousa

27 Análise documentária de crônicas jornalísticas
Dilza Ramos Bastos
Maria Luiza de Almeida Campos

43 Preservação de correspondência: o e-mail em laboratórios científicos e tecnológicos
Maria Celina Soares de Mello e Silva
Vera Lúcia da Ascenção Rego

Arq. & Adm.	Rio de Janeiro	v. 6	n. 1	p. 1-56	jan./jun. 2007

Copyright © 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação: Paulino Lemes de Sousa Cardoso
Revisão técnica: Dilza Ramos Bastos
Editoração Eletrônica: Stefano Figalo
Apoio: FEMADE – Tecnologia Ltda

Catalogação na publicação (CIP)

Arquivo & Administração/Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n.0 (1972) -

Rio de Janeiro: AAB, 1972 –

v.: 23 cm.
Semestral

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

ISSN 0100-2244

1. Arquivo – Periódico. 2. Gestão de documentos – Periódico. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

Reg. 75791

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira
Vice-presidente: Eliana Balbina Flora Sales
1° Tesoureiro: Renata Silva Borges
2° Tesoureiro: Alcides Sodré Peçanha Filho
1° Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira
2° Secretário: Laura Regina Xavier

Conselho Editorial

Paulino Lemes de Sousa Cardoso
José Maria Jardim
Lucia Maria Velloso de Oliveira
Maria Odila Fonseca
Paulo Elian
Sérgio Conde Albite Silva

EDITORIAL

Arquivo&Administração, publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros, completa 35 anos de bons serviços prestados em prol da Arquivologia no Brasil.

Neste número, pudemos contar com a colaboração sempre presente e efetiva de mestres e doutores em Ciência da Informação e História Social. Esses profissionais vêm prestando um estimulante trabalho junto às suas instituições de origem que, sem dúvida, se orgulham de tê-los em seus quadros, é o caso da Universidade Federal Fluminense, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade de Brasília e o Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

O primeiro texto, "Análise documentária de crônicas jornalísticas" – *Uma busca de diretrizes teóricas e metodológicas* foi escrito por Dilza Ramos Bastos e Maria Luiza de Almeida Campos. Dilza é Mestre em Ciência da Informação e atua na Fundação Casa de Rui Barbosa. Maria Luiza é Doutora em Ciência de Informação e pertence ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. O artigo é resultado da dissertação de mestrado de Dilza Ramos Bastos, sob orientação da professora Maria Luísa de Almeida Campos.

O segundo texto, "Os princípios da Teoria da Classificação e o processo de organização de documentos de arquivo", é de Renato Tarciso Barbosa de Sousa, Professor Adjunto do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. É doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Finalmente, o terceiro texto, "Preservação de correspondência: o *e-mail* em laboratórios científicos e tecnológicos", apresenta um artigo de Maria Celina Soares de Mello e Silva e Vera Lúcia da Ascenção Rego. Ambas pertencem aos quadros do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Espero que os textos incluídos nesta edição sejam do inteiro agrado do leitor.

Paulino Lemes de S. Cardoso

ción universal em Archivística. In: MARCO, Francisco Javier García (Ed.). **Organización del conocimiento em sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Libreria General, 1995. p. 91-98.
PARROCHIA, Daniel. Classifications, histoire et problèmes formels. **Bulletin de la Société Francophone de Classification**, Paris, n. 10, mar. 1998.
PIEDADE, M. A. Requião. **Introdução à Teoria da Classificação.** Rio de Janeiro: Interciência, 1983.
POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Leituras**. Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, n. 2, p. 19-33, 1998.
SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. Rio de Janeiro: FGV, 1973.
SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de Sousa. **As bases do processo classificatório em Arquivística**: um debate metodológico. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002.
SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de Sousa. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. In: RODRIGUES, Georgete Medleg, LOPES, Ilza Leite (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: CID/Thesaurus, 2003.
SOUZA, Rosali Fernandez. Áreas do conhecimento. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 2, abr. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr04/Art.02.htm>. Acesso em: 17 mai. 2004
SOUZA, Rosali Fernandez; MANASFI, Cristina Valente. Organização do conhecimento em uma estrutura classificatória, no contexto da indexação e recuperação da informação: um relato de pesquisa. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 37-49, jul./dez. 1996.
VIGNEAU, André. Les documents informatiques: pour une classification efficace. **Cursus**, Montreal, v. 1, n. 2, abr. 1996. Disponível em: <http://www.ebsi.umontreal.ca/cursus/index. html>. Acesso em: 8 set. 2003.

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE CRÔNICAS JORNALÍSTICAS
Uma busca de diretrizes teóricas e metodológicas

Dilza Ramos Bastos
Mestre em Ciência da Informação
Fundação Casa de Rui Barbosa
dilzabastos@gmail.com

Maria Luiza de Almeida Campos
Doutora em Ciência da Informação
UFF/Departamento de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação UFF/IBICT
mlcampos@nitnet.com.br

RESUMO
O impacto das novas tecnologias nos processos de comunicação científica tem gerado novas necessidades de investigação sobre o processamento documental. No campo da pesquisa em Literatura e História, os sistemas de informação não dão conta da demanda crescente e cada vez mais específica. A crônica tem grande importância para a pesquisa sob vários aspectos, inclusive por sua temática. Contudo, sua análise pode ser uma questão complexa, pois não é possível se propor para a crônica uma simples análise textual, o que exige uma leitura documentária integral. A partir de revisão da literatura, de uma investigação da natureza da crônica e da análise documentária em suas fases constituintes foi analisada a representação da informação, no processamento documental da coleção de crônicas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Jornal do Brasil, efetuada em uma unidade de informação especializada. Desse modo, foi buscada fundamentação teórica e metodológica para o tratamento de crônicas jornalísticas, a fim de aprimorar sua análise documentária e o atendimento aos usuários.

Palavras-chave: *Análise documentária; Crônica; Metodologia.*

Documentary Analysis for the Journalistic Chronicles: a search of theoretical and methodological lines of direction

Abstract
The impact of new technologies on the processes of scientific communication has been generating new needs of investigation on the documental processing. In the research field of Literature and History, the information systems do not meet the needs of the increasing and more specific demand. The chronicle has great importance for research under several aspects, also for its thematic. However, its analysis can be a complex matter, because it's not possible to propose a simple textual ana-

lysis for the chronicle, which demands an integral documentary reading. Starting from literature revision, from an investigation of the nature of chronicle and the documentary analysis in its constituent phases, the information representation in the documental processing of Carlos Drummond de Andrade's chronicles collection, published in the Jornal do Brasil, made in a unit of specialized information, has been analyzed. Thus, theoretical and methodological fundamentation is sought for the treatment of journalistic chronicles, in order to improve its documentary analysis and the assistance to users.

Key-words: *Documentary analysis; Chronicle; Methodology*

> *Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano (Antonio Dimas).*

1 Introdução

O papel de um serviço de informação é antecipar-se à demanda de seu usuário potencial, considerando que ao buscar informações em um banco de dados, esse usuário pesquisador se encontrará em um estado transitório[1] "caracterizado por um alto grau de indefinição em relação ao assunto" em pauta, estando assim ainda nebulosas suas próprias interrogações. Ele estará à procura de referências que permitam reconstruir seu conhecimento e orientar seu trabalho (SAYÃO 1996, p. 314).

Os processos de comunicação científica vêm sendo impactados pelas tecnologias da informação afetando os sistemas de tratamento, recuperação e disseminação. A velocidade com que os documentos são disponibilizados através de novos instrumentos, principalmente os eletrônicos, evidencia que estudos e experiências devem ser implementados tendo em vista atender à amplitude e à complexidade dos conteúdos.

Hjorland (2002, p. 422), em seu artigo intitulado *Domain analysis in information science: eleven approaches, traditional as well as innovative*, afirma que é preciso dar tratamento diferenciado aos diversos domínios do conhecimento atendendo as suas especificidades. Com base nesta afirmação, refletimos sobre a análise documentária no âmbito de documentos literários, em especial, da crônica jornalística, tendo em vista princípios metodológicos que atendam à representação e à recuperação das informações documentárias.

Refletimos sobre o indexador estar apto e atento aos dados que deve observar, identificar, compreender, selecionar e dar acesso ao público interessado. O potencial informativo das crônicas é percebido através da demanda informacional oriunda de estudantes, professores, escritores, historiadores e do público em geral, nos serviços especializados em literatura brasileira.

[1] Segundo Sayão (1996, p. 314), esse estado "é chamado por alguns autores da área de ciência da informação de 'estado anômalo de conhecimento'".

Contudo, a tradição aponta que a análise documentária realizada em serviços de informação geralmente se vale apenas da vivência dos envolvidos no processamento dos documentos e no atendimento aos usuários. Algumas vezes podemos encontrar regras de elaboração de informações documentárias, mas faltam ainda maiores estudos que possam tratar da fundamentação teórica e metodológica. Se isso ocorre em relação a toda tipologia documental no âmbito literário, muito mais poderíamos considerar no caso das crônicas jornalísticas que, geralmente, não contam nem mesmo com um tratamento temático.

Segundo Gomes ([199-?]), o termo "literatura" tem um sentido restrito de *belles-lettres* (humanidades), sendo que a importância da literatura propriamente dita não estaria no tema tratado, como é o caso da literatura informativa. O tema de certas obras determinaria sua classificação pela matéria e não em literatura, demonstrando que o conceito de literatura estaria reservado a obras de imaginação que pertençam a diferentes gêneros literários como poesia, prosa de ficção, etc; crítica literária; história e biografia literárias.

Desse modo, vemos que o tratamento temático não é considerado relevante de forma generalizada a todas as obras da literatura propriamente dita, mas acreditamos que alguns gêneros sejam exceções dependendo de sua natureza e de seu uso na pesquisa. Para nós, esse é o caso da crônica, seja ela publicada nos livros ou originando-se no jornal e sendo assim denominada por vários estudiosos de "jornalística".

A crônica jornalística é vista como fruto do encontro da literatura e do jornalismo e considerada de grande importância para a pesquisa sob vários aspectos, inclusive por sua temática. Contudo, sua análise é uma questão complexa, pois não podemos propor para ela uma estrutura textual como acontece, por exemplo, com os artigos científicos.

Neste artigo apresentamos as bases teóricas e metodológicas por nós identificadas em concepções referentes ao tratamento e à recuperação da informação. Esse estudo teve como campo empírico o processamento documental de crônicas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Jornal do Brasil, processamento esse efetuado em uma unidade de informação especializada – o **Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).**

2 A Crônica: a questão do gênero literário ou jornalístico

A crônica é apresentada como gênero incluído num primeiro grupo dos gêneros literários (ensaio, crônica, discurso, carta, apólogo, máxima, diálogo, memórias), no qual os autores explanam diretamente seus pontos de vista e dirigem-se em seus próprios nomes ao leitor. Num segundo grupo estariam os "gêneros de natureza estritamente literária, aos quais a poética contemporânea reduz a compreensão e o estudo da literatura" (COUTINHO, 1971, p. 109). O significado tradicional do termo 'crônica' é: relato de acontecimentos em ordem cronológica. Assim, o sentido primitivo - relato histórico (gênero histórico) - foi mantido por vários idiomas europeus modernos até hoje, exceto pelo português.

Publicadas em jornais ou revistas, as crônicas eram comentários de assuntos marcantes, passando assim a denominar a própria seção e o tipo de literatura. A princípio, vemos que o termo 'crônica' toma o significado de gênero literário em prosa, "ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas". No Brasil, ela acompanha o desenvolvimento da imprensa, transformando-se em matéria cotidiana.

Portanto, vemos que a crônica, em sua origem, pretendia-se "registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato" (NEVES, 1992, p. 82). Contudo, na virada do século XIX para o século XX, ela incorpora o reconhecimento da subjetividade do narrador.

A crônica social moderna foi iniciada, no Brasil, por Paulo Barreto. Ele acreditava ser a crônica o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro, bem como que o cronista social imitaria o operador cinematográfico. Entretanto, as crônicas de Barreto conciliaram esplendidamente o jornalismo e a literatura, e se adaptaram ao ritmo acelerado da vida contemporânea, como uma caricatura do mundo social.

Vemos que embora existam críticas à crônica por seu caráter efêmero e por atestar fatos deformados segundo seu narrador, é considerado que ela metamorfoseou-se e se instalou no periodismo. Contudo, diz-se também que ela não perdeu sua essência, constituindo-se repositório que permite avaliar as concepções apresentadas pelo cronista. A crítica parece também se equivocar ao considerar tão somente a matéria-prima verbal sem distinguir jornalismo de literatura, e, dessa forma, não seria lícito comparar a crônica jornalística ao texto poético (DIMAS, 1974, p. 48-49).

Segundo Dimas (1974, p. 46), a crítica recebida pela crônica se mostra arrogante desdenhando a produção cronista do intelectual sem justificar suas afirmações objetivamente, se bem que essa crítica pode vir do próprio autor da crônica. Tal fato poderia ser em razão do "desconhecimento do conjunto global da matéria ou ainda no hábito distorcido de desvalorizá-la face aos grandes romances ou grandes poemas".

Contemporaneamente, na crônica é buscada a organização ficcional do texto, tendo em vista escapar ao caráter efêmero do jornal, isto é, a crônica contemporânea ultrapassa a função objetiva e se apropria de elementos da narrativa ficcional, tratando o fato diferentemente da forma dispensada ao texto jornalístico. Ao tecer sobre o pequeno acontecimento cotidiano, o cronista contemporâneo tem a possibilidade de reorganizar e redimensionar os fatos subjetivamente, oferecendo novos ângulos de interpretação (KAIMOTE, 2004).

Entretanto, a crônica possui ingredientes próprios da literatura, o que determinará sua proximidade da literatura ou da reportagem (MOISÉS, 1983). Possuindo características singulares que não obedecem a estruturas predeterminadas como em outros tipos de textos, a palavra lhe serve como matéria-prima, tanto quanto na literatura.

Nela há liberdade de imaginação e descontração, transcendendo o fato ao interpretá-lo em contexto maior e vasculhando-o em sua essência. Ela pode estar inserida em um meio de comunicação efêmero, mas é passível de participar em livro.

Desse modo, a questão sobre a crônica jornalística pertencer à literatura ou ao jornalismo é vista como polêmica, pois alguns estudiosos consideram que a permanência do gênero na literatura somente seria possível ao estar no livro, contudo, na opinião de outros, a crônica deveria permanecer em sua origem – o jornal.

Vemos também que a crônica pode reescrever a trajetória do país a partir de fatos e situações que possam estar ocultos ou ignorados pela história oficial, vinculando, dessa forma, o elemento histórico e o jornalístico. O cronista pode assim reter a memória do país refletindo-o e atando, por meio da ficção, sua história remota e recente, bem como usar sua obra como meio de entendimento da história.

> Affonso Romano de Sant'Anna considera que, 'por ser um gênero entre o jornalismo e a literatura, a crônica pode usar da sedução da palavra literária para obter uma resposta imediata que o só o jornalismo dá' (*O Globo*, 28/02/2001). Wilson Martins diz que 'a crônica é a literatura do jornalismo'. [...] A crônica, às vezes, não tem caráter fugaz, oscilando entre numerosas categorias de expressão, da poética à humorística, do conto à análise dos fatos políticos e demais matérias jornalísticas. (LAGO JUNIOR, 2001?, p. 8-9).

Portanto, para bem entendermos a crônica, é necessário refletirmos o jornal "como veículo de informação e cultura" (Moisés, 1983, p. 246-249). O jornal possui duas categorias de texto lingüístico: aquele que informa os acontecimentos do dia e aquele que não se prende ao cotidiano. O autor pode assim escrever para o jornal ou apenas nele publicar.

A crônica "move-se entre ser *no* e *para* o jornal", pois inicialmente é destinada a ser nele lida, entretanto, difere da matéria jornalística que visa meramente informar. Contudo, ela escapa de ser uma reportagem graças a ingredientes próprios da literatura, ressaltando-se dentre eles o humor. Ela tenderá para o jornalismo ou a literatura, dependendo de indícios de reportagem ou indícios literários, o que acarretará sua maior ou menor efemeridade.

Podemos assim observar que a crônica, segundo seus estudiosos, pode apresentar características/qualidades, tais como: subjetividade; flexibilidade, mobilidade e irregularidade; falta de rigor textual; linguagem atual; tom comunicativo; linguagem predominantemente referencial; liberdade; desembaraço; humor; ironia; sátira; intimidade; teor de verdade íntima, humana e histórica; e fugacidade.

2.1 As crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no Jornal do Brasil

Nas palavras de Teles (1979, p. 181-184), para se conhecer um escritor como Carlos Drummond de Andrade deve-se fazê-lo "de dentro para fora, com pretensões, talvez, expressionistas".

Na crônica de Drummond há um traço comum reconhecido na configuração da moderna crônica brasileira: ela deixa "de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada", mantendo assim um ar de despreocupação, inclusive em relação a possíveis conseqüências. Entretanto, ela é profunda quanto ao "significado dos atos e sentimentos do homem", bem como sua crítica social é de grande alcance. (CANDIDO, 1992, p. 17).

Diante das abordagens estudadas, consideramos que Drummond intencionou perpetuar algumas de suas crônicas publicadas originalmente no jornal[2]. O cronista seleciona os textos que sua autocrítica e a crítica alheia lhe sugerem estarem aptos a enfrentar o desafio do tempo, mesmo que a tentativa de se preservar as crônicas, ao publicá-las em livro, seja questionada devido a imanente fugacidade que possuem. Portanto, no caso das crônicas, é tênue a diferença entre o literário e o jornalístico.

[2] ANDRADE, Carlos Drummond de. De notícias & não notícias faz-se a crônica. 1974.

3 A Análise Documentária e a Leitura do Indexador

Os modernos sistemas documentários vêm se tornando, cada vez mais, sistemas altamente flexíveis quanto ao seu desempenho em analisar, formatar, estocar e recuperar a informação. Nesses sistemas a preocupação não é mais oferecer um produto acabado, mas sim itens padronizados e relacionados para viabilizar produtos personalizados, isto é, viabilizar o atendimento às necessidades informacionais de uma clientela potencial.

Isso pressupõe que sejam conhecidas as necessidades da comunidade usuária, bem como quais procedimentos deverão ser estabelecidos para o processamento e a recuperação da informação, tendo em vista o atendimento a essas necessidades. Podemos assim dizer que o que se almeja em um sistema documentário é a captação do conteúdo informativo do documento de forma a traduzi-lo em uma linguagem que seja intermediária entre o usuário e o documento. Os procedimentos devem ser sistemáticos e capazes de evitar a improvisação.

Vemos que a tarefa de analisar envolve a interpretação e a representação dos conteúdos informacionais. Parece-nos complexo que o indexador identifique e exprima o pensamento do autor, com fidelidade, reconhecendo o potencial informativo e, até mesmo, indo além das possibilidades de demanda conhecida. Ele poderá prever também possíveis ligações das informações identificadas com outros assuntos ou dentro de outros contextos.

A análise documentária é entendida sob diferentes pontos de vista em relação ao que ela compreende. Identificamos pelo menos três posturas diante da questão (SILVA; FUJITA, 2004, p. 136-137).

No primeiro entendimento, a análise documentária é a própria indexação, pois estudiosos pensam ser ela um processo constituído de etapas operacionais que visam representar o conteúdo informacional e, conseqüentemente, a elaboração de índices.

No segundo entendimento, no qual a análise documentária é um processo maior, a indexação corresponde à fase de representação dos conteúdos identificados numa primeira fase de análise. Isso se dá mediante o uso de linguagens documentárias, tendo em vista a recuperação da informação.

No terceiro entendimento, a análise documentária é vista de forma ampla, referente à descrição física e temática, isto é, ela trata dos aspectos de forma e de conteúdo do documento. Numa primeira fase, a análise descritiva ou bibliográfica trata do aspecto físico ligado ao suporte, e na segunda fase é dado tratamento temático com fins de representação.

Nesse sentido, podemos dizer que é possível vê-la como um amplo processo de elaboração de informações documentárias, efetuado mediante análise, síntese e representação do conteúdo informacional, estando a leitura documentária incluída na etapa da análise. Além disso, é relevante a ação consciente do indexador em relação à estrutura textual, à tematicidade e ao conhecimento das necessidades informacionais de uma clientela potencial.

Desse modo, vemos que o tratamento da informação constitui-se na execução de operações seqüenciais sistemáticas sobre os dados, visando descrever dados objetivos e dados intelectuais do documento e requerendo a determinação de pontos de acesso (CAMPOS, 2006, p. 19).

Ao considerarmos que o tratamento de um documento visa identificar o potencial informacional e representar esse documento, partimos da concepção de que o indexador, inicialmente, terá de efetuar a análise. O primeiro passo do processo de análise é a leitura documentária, que é vista também como o meio para a determinação do assunto.

Entretanto, Foskett (1973, p. 23) faz considerações sobre a falta de tempo do indexador para uma leitura do documento na íntegra, pondo em dúvida se haverá sempre possibilidade de compreensão correta do conteúdo. Por essa razão, recomenda que sejam lidas apenas algumas partes previamente determinadas, o que ele chama de "atalhos". Nesse sentido, sugere também uma forma de serem percebidas as linhas de raciocínio do autor, para um aprofundamento na indexação.

A abordagem nos parece de cunho mais técnico e não evidencia preocupação quanto aos aspectos de um leitor-indexador e quanto aos princípios a serem observados. Além disso, dependendo da natureza do documento, é possível ou não se estabelecer atalhos, pois em certos tipos de documentos tal procedimento não seria viável. Acreditamos que esse seja o caso da crônica jornalística, pois não vemos possibilidade de nela serem considerados atalhos, por ser constituída de uma única narrativa.

Lancaster (2004) esclarece que um item bibliográfico é identificado e recuperado mediante termos estabelecidos como pontos de acesso, pelo indexador. Contudo, aspectos lógicos lingüísticos e cognitivos podem interferir no processo de indexação, o que requer habilidade na análise e seleção dos conceitos em um contexto. Portanto, a leitura do indexador, na perspectiva de uma primeira fase de análise, está condicionada aos objetivos e ao contexto do sistema de informação, tendo finalidades profissionais e pragmáticas.

Podemos então afirmar, que na leitura o indexador visa buscar reconhecer todos os tópicos que possam ser de interesse potencial para os usuários, bem como buscar interpretar corretamente os aspectos do documento tendo em vista atribuir termos adequados e específicos que os representem, evitando, termos inadequados por falta de conhecimento especializado ou por desatenção. Mas, tradicionalmente, é considerado também que o leitor-indexador atue com base em sua experiência, intuição e familiaridade com o assunto do documento, acreditando que seja possível representar o conteúdo dos textos, mediante a determinação do assunto e a tradução dos conceitos selecionados para a composição de uma linguagem documentária, entretanto, faltam-lhe critérios a serem observados em sua tarefa (KOBASHI, 1989; 1994).

Percebemos que fatores pragmáticos podem influenciar a interpretação do potencial informativo de um documento, pois

> a leitura-indexadora produz um metassentido (intermediação da produção de sentido [...]) que é o resultado da articulação entre conjunto de documentos (considerando aspectos não-temáticos e temáticos), conjunto de usuários (perguntas dos leitores), conjunto unidade-organizacional (fatores e contexto relacionados ao planejamento do SRI[3] que se trabalha). (CORDEIRO, 2000, p. 79).

A leitura pressupõe assim a possibilidade de múltiplas representações que se configuram no que se denomina de pontos de acesso, abordados a seguir.

[3] Sistema de Recuperação da Informação.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL) Acervo Bibliográfico

3.1 A identificação de pontos de acesso

O potencial informativo é tradicionalmente analisado em seus aspectos temáticos e, algumas vezes, em seus aspectos formais. O indexador tem, portanto, o compromisso de agir com consistência, não limitando esse potencial, ao contrário, ampliando-o. Esse posicionamento é claramente defendido por Cordeiro (2000, p. 79-80), com base nas afirmações de Hjorland (1997, p. 41) e, desse modo, é considerado que o indexador deva buscar a polirrepresentação, ou seja, deve resgatar todos os pontos de acesso possíveis indexando conteúdo e forma, mediante interpretação que resulta no metassentido.

> O conceito de polirrepresentação procura representar a corrente necessidade de informação do usuário, estados de problema e conhecimento e tarefa de domínio de trabalho ou interesse na forma de estruturas contextuais de causalidade. Ao mesmo tempo, isso implica que devemos aplicar métodos diferentes de representação e uma variedade de técnicas de RI [recuperação da informação] de origem cognitiva e funcional diferentes para os objetos de informação no espaço de informação. Os objetivos são melhorar o acesso intelectual a fontes de informação e, simultaneamente, prover o sistema de RI com uma plataforma contextual enriquecida que possa suportar a busca de informação do usuário. (INGWERSEN, 1996, p. 4, tradução nossa).

Portanto, podemos dizer que o conteúdo do documento deve ser indexado mediante desmembramento e desdobramento do assunto/conteúdo, de modo que apresente os aspectos particulares que possibilitam sua decomposição. Assim, na análise da informação, devem ser investigados: o objeto da análise; o processo de produção de um item de informação; a definição no contexto; e a intencionalidade do documento, considerando-se a coleção na qual ele está inserido, bem como os objetivos organizacionais do serviço de recuperação da informação e as necessidades informacionais de usuários potenciais.

Especificamente, quanto a tematicidade do documento, não parece ser fácil a tarefa de estabelecer um método de análise. Hjorland (1992, p. 176) apresenta inicialmente a problemática questionando: "Quais são os critérios objetivos para determinar o assunto? Se assuntos não são percepções ou 'idéias' nas mentes de algumas pessoas, o que mais eles podem ser? O que é entendido pela declaração 'documento A pertence à categoria temática X'?".

Ao expor o ponto de vista realista e materialista sobre o assunto de um documento, Hjorland (1992, p. 181-187) afirma que as coisas existem objetivamente e têm propriedades objetivas, refletindo a visão subjetiva (do autor) dos assuntos que estão sendo tratados, tendo assim propriedades objetivas. Portanto, essas propriedades têm potencial cognitivo ou informativo, conquanto o leitor seja capaz de identificar declarações falsas e verdadeiras. Dessa forma, as propriedades de um documento são toda declaração verdadeira que se possa dizer sobre esse documento, isto é: reflexão do documento, representação ou tratamento de uma parte da realidade/consciência e imaginação humanas.

Com base nas questões apresentadas por Hjorland (1992), a caracterização dos documentos pode ser feita em grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se

tem. Contudo, as propriedades se tornam visíveis no uso do documento, não sendo, entretanto, possível uma profunda descrição do conteúdo somente pela formalização da linguagem. Desse modo, para identificarmos as propriedades, deve haver uma argumentação explícita, prova ou probabilidade, não sendo passível de automatização, e sim altamente dependente de condições particulares.

3.2 A análise de documentos literários: um ponto em discussão

No âmbito da literatura, a classificação da ficção repousa em problemas singulares, pois o caminho para se distinguir o fato de sua interpretação não é rigoroso e, desse modo, nada poderá ser julgado como definitivo no texto antes de se observar convenções interpretativas. Portanto, "nem todos os elementos da ficção são igualmente carentes de características objetivamente identificáveis" e poderíamos assumir que alguns deles "são passíveis de serem analisados com razoável segurança". Tais elementos são assim denominados de "categorias de dados fundamentais em ficção" (BEGHTOL, 1994, 126 apud HAYES, 2001, p. 74, tradução nossa).

Assim, consideramos válido que sejam identificados possíveis critérios que possam ter sido estabelecidos por indexadores de crônicas jornalísticas, de forma pessoal ou participativa em uma equipe de trabalho, tais como a leitura e a interpretação mediante conjectura sobre a intenção do texto ou por estabelecimento de categorias de informação. Porquanto, a indexação do conteúdo do documento deve apresentar os aspectos particulares desse documento.

Podemos assim considerar que na análise das crônicas jornalísticas, inicialmente, devam ser investigados: sua natureza; seu processo de produção; sua definição no contexto; sua intencionalidade; os objetivos organizacionais do serviço de recuperação da informação que tem sua guarda; considerando-se também as necessidades informacionais de usuários potenciais desse serviço. Almejando-se dar acesso coletivo à informação, o indexador deve ser também mais abrangente, procurando categorizar o documento.

Portanto, tendo como base as abordagens dos estudiosos em literatura, consideramos nosso embasamento consolidado mediante as abordagens de Hjorland (1992; 1997), Campos (2006) e Cordeiro (2000). Essas abordagens nos pareceram mais adequadas à realidade dos documentos literários e, especificamente, à crônica jornalística.

4 A crônica jornalística frente à análise documentária

Ao observarmos o processamento de documentos em arquivos e bibliotecas, geralmente nos deparamos com discussões que envolvem o estabelecimento de diretrizes e de procedimentos, como uma polêmica referente ao nível de aprofundamento e abrangência da contextualização dos temas identificados, tendo em vista duas medidas: representar tão somente a temática constante no documento, posição mais defendida pelos bibliotecários, ou, ir além dessa temática explícita, isto é, buscar outras ligações no contexto dos temas em pauta, que, conseqüentemente, resultariam em outros termos e nomes representantes de uma tematicidade potencial. Percebemos que a segunda posição é uma demanda maior por parte de alguns arquivistas e, assim, conforme abordagens estudadas, pensamos que essa questão vai ao encontro do apresentado por Hjorland (1992) e Cordeiro (2000). De fato, isso nos parece importante porque especificamente no caso das crônicas jornalísticas de Drummond, o cronista cria uma atmosfera na qual a linguagem sugere, induzindo o leitor a participar da obra (TELES, 1979, p. 195). Acreditamos que se esse leitor é o indexador, ele terá que atuar

como um descobridor das intenções do cronista, conseqüentemente contextualizando a partir do texto em busca de identificar e fornecer maior potencial informativo do que aquele que poderá estar mais claramente explicitado.

Desse modo, para a análise da crônica jornalística se faz necessário descrevê-la em seus aspectos físicos e em sua tematicidade. Quanto à descrição física, dados tais como, data de publicação, título, citações, organização do texto, ilustrações etc, constituem matéria de pesquisa que, em muitas vezes, fazem real diferença na investigação e confronto de dados realizados pelo pesquisador. Em outras palavras, a descrição física é relevante no cruzamento de informações durante o processo de busca, podendo até mesmo fornecer um dado fundamental para a solução de uma questão, com sustentação efetiva. Quanto ao conteúdo temático da crônica, podemos observar que o mesmo precisa ser identificado pelo indexador durante o processo de análise, de forma a julgar sua importância para um público potencial, isto é, precisa identificar o potencial informativo que emana dos temas tratados pelo cronista. O conteúdo temático deverá ser selecionado e representado, tendo em vista sua recuperação.

Portanto, naquilo que se coloca como análise documentária, a crônica jornalística de Carlos Drummond de Andrade pode se fundamentar teoricamente no conhecimento de sua natureza, na identificação das categorias de informação através de seus aspectos físicos e intelectuais, no conhecimento de seu contexto e intencionalidade, e nos objetivos do serviço de informação em razão das necessidades informacionais da clientela e dos usuários potenciais.

A natureza da crônica jornalística caracteriza-se pela subjetividade do narrador; por clareza de linguagem; por simpatia e estilo simples, comunicativo, direto e pessoal; por liberdade e desembaraço ao descrever os fatos do cotidiano. A crônica apresenta a visão do cronista transparecendo intenções mediante narrativa lírica, irônica e humorística e seus elementos são passíveis de serem identificados mediante características objetivas e, assim, podem ser analisados com razoável segurança. Esses elementos podem ser vistos como categorias de informação referentes à forma e ao conteúdo, e nessas categorias podem ser alocados eventos, personalidades, espaços e tempos identificados através da leitura documentária, a partir da qual se dá a interpretação do conteúdo informacional com vista a sua representação.

Verificamos também que o processo implementado pelo indexador da crônica jornalística requer leitura reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário, como também sobre os aspectos e características que poderão categorizar a crônica, o que exige maturidade de julgamento, e por essa razão, concordamos que essas ações não sejam passíveis de informatização.

Em relação ao seu conteúdo, percebemos em algumas abordagens teóricas a preocupação em ressaltar que é necessário minimizar a subjetividade inerente ao processo de análise, sendo considerado também que devem ser estabelecidos procedimentos de representação apoiados em diretrizes bem definidas. Para tal, o planejamento da indexação deve configurar essas diretrizes, norteando-se por uma política, tendo em vista polirrepresentar a crônica de maneira que estabeleça variados pontos de acesso, o que evidenciará também os fatores contextuais.

Portanto, norteando-se por uma política de indexação, é necessário priorizar e categorizar os potenciais informativos, descobrindo as intenções do cronista em seu contexto, intenções essas sugeridas pela linguagem. Contudo, o julgamento feito pelo indexador dependerá do grau de importância atribuído aos itens analisados, grau esse sinalizado nos propósitos estabelecidos.

Como súmula do estudo que realizamos em busca de possíveis critérios para a análise de

documentos literários, o que caberia também à crônica jornalística, podemos considerar os seguintes princípios a serem observados:

- A natureza do documento deve ser conhecida.
- A política de indexação deve ter como base o usuário, a organização/instituição e o documento, configurando critérios bem definidos que minimizem a subjetividade do processo de análise;
- Os pontos de acesso devem ser estabelecidos a partir da caracterização do documento e em grau de maior ou menor importância de acordo com o propósito que se tem e com as propriedades do documento, estas visíveis através do uso desse documento;
- A leitura documentária deve ser integral e exige conhecimento da obra de seu autor e domínio de conceitos básicos da área em pauta, de forma a permitir a identificação das macroestruturas de informação pelas quais os assuntos são identificados;
- O indexador deve proceder a uma leitura interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, a partir do conhecimento do contexto e da intencionalidade do documento;
- Ao proceder a avaliação, o indexador deve discernir e prever questões de pesquisa, considerando as propriedades do documento, de forma a descrever o significante, o geral, o necessário e o típico;
- Os aspectos físicos e intelectuais do documento devem ser identificados, para o estabelecimento dos pontos de acesso;
- Os aspectos físicos e intelectuais devem ser analisados, interpretados e representados, de modo que os aspectos particulares e o potencial informativo sejam identificados;
- O indexador deve buscar polirrepresentar o potencial informacional identificado;
- A descrição da temática do documento deve se configurar um prognóstico de potenciais futuros e, para tal, o indexador deve ter maturidade de julgamento.

5 O AMLB e a Pesquisa em Crônicas Jornalísticas

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), é a concretização de um sonho do próprio Carlos Drummond de Andrade. O poeta afirmava ser necessário um centro de documentação que se dedicasse à preservação da literatura brasileira e manifestou seu desejo em suas crônicas. Assim, em 28 de dezembro de 1972, a FCRB instala em sua sede à Rua São Clemente o Arquivo-Museu idealizado pelo poeta.

Atualmente, o AMLB reúne em seu acervo 83 arquivos privados de escritores brasileiros e uma coleção de documentos avulsos. Seu acervo museológico é composto por cerca de 1200 peças de natureza diversa. Dentre os valiosos documentos encontra-se a coleção de crônicas jornalísticas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Jornal do Brasil, objeto de crescente pesquisa.

Em busca de soluções para aprimorar o processamento documental desse material, de

forma a atender aos usuários com maior rapidez e especificidade, foram tomadas medidas que promoveram melhorias na elaboração das informações documentárias e, conseqüentemente, no sistema de recuperação da informação. Uma equipe indexadora, composta por profissionais com formação em literatura e letras, e documentalistas, foi mantida permanentemente durante as duas fases do trabalho (VASCONCELLOS; BASTOS, 2005).

A iniciativa de aprofundar e aperfeiçoar o processamento das crônicas jornalísticas partiu da vivência no atendimento aos pesquisadores, de procedimentos adotados para o tratamento documental, e da visão dos profissionais envolvidos no processamento e na recuperação da informação. Percebemos assim que "o processo de indexação se constrói a partir do exame tanto da atividade que é realizada durante o exercício dessa técnica, como também em um sistema de informação documentária" (ESTEBAN NAVARRO, 1999 apud SILVA; FUJITA, 2004, p. 138).

6 Considerações Finais

Como resultado de nosso estudo, que teve como objeto empírico os dados resultantes do processamento realizado no AMLB, podemos afirmar que não chegamos a uma metodologia propriamente dita e sim a critérios de análise que consideramos importantes para o processamento das crônicas jornalísticas, tendo em vista reconhecer o potencial informativo e elaborar as informações documentárias a elas pertinentes.

Consideramos que maiores estudos deveriam proporcionar o conhecimento da natureza de cada gênero literário especificamente, para que possam ser levantadas características que indiquem quais pontos de acesso seriam relevantes para a identificação das informações documentárias. Vimos que não há rigidez para um tratamento único dos variados tipos de documentos, mas concluímos que podemos eleger um núcleo de diretrizes que nortearão o estudo e a adequação do processo de análise e representação das informações.

Portanto, apenas um conjunto de regras não atenderia à multiplicidade e à diversidade de casos, como também poderia haver interferência da subjetividade do próprio indexador que necessita julgar e decidir, ao pretender interpretar e sintetizar os dados obtidos através da leitura documentária. Essa leitura deverá ser reflexiva ou interrogativa sobre o valor literário e sobre os aspectos que mais caracterizam a obra, proporcionando um aprofundamento investigativo das reais intenções do autor e a identificação do potencial informacional do documento.

Consideramos que alguns critérios podem orientar a interpretação, não se configurando em um paradoxo lingüístico, pois se há algo a ser interpretado, deve ser possível identificá-lo e respeitá-lo com coerência. Os critérios devem visar características objetivamente identificáveis que poderão se constituir em categorias apropriadas a cada tipo documental, bem como se configurar a partir do planejamento da indexação determinado por uma política baseada no usuário, na organização/instituição e no documento. Essa política deverá também estar explicitada em documento próprio referente ao processamento dos documentos, tornando claros os propósitos e diretrizes que nortearão o fazer dos indexadores.

Desse modo, consideramos que ao se distinguir da crônica literária, a crônica jornalística tem sua ênfase no acontecimento e pode registrar, reorganizar e redimensionar os fatos, proporcionando novos ângulos de interpretação, mas para conhecê-la de fato, é necessário compreendermos a obra do cronista em maior profundidade buscando a transparência do subjetivo e pessoal.

Acreditamos assim que os princípios identificados na revisão de literatura poderão ser adotados no processamento de documentos literários e, em especial, no processamento de crônicas jornalísticas:

- Quanto ao documento, é fundamental conhecer sua natureza, de modo a caracterizá-lo para o estabelecimento dos pontos de acesso, de acordo com as suas propriedades e com os propósitos que se tem, e, para tal, devem ser identificados os aspectos físicos e temáticos.
- Quanto ao indexador e à análise, vimos que ele deve ter conhecimento detalhado de seu contexto sociocognitivo e participar das principais decisões quanto às políticas, aos procedimentos e às regras, estando assim consciente das condições materiais e da estrutura organizacional dos sistemas de informação.

No que tange especificamente à leitura documentária, no caso de documentos literários, como as crônicas, é necessário que o indexador conheça os objetivos e realize uma leitura integral tendo conhecimento da obra do autor, como também domínio de conceitos básicos das áreas abrangidas pela coleção. Portanto, o indexador deve avaliar os textos com discernimento prevendo questões de pesquisa e identificando os aspectos particulares e o potencial informativo, tendo em vista a polirrepresentação desse potencial.

Desse modo, deve haver também uma política de indexação baseada no usuário, no serviço de recuperação da informação e no documento, configurando critérios bem definidos que minimizem a subjetividade do processo de análise.

Assim, concluímos que, caracterizando-se pela subjetividade do narrador; por clareza de linguagem; por simpatia e estilo simples, comunicativo, direto e pessoal; e por liberdade e desembaraço ao descrever os fatos do cotidiano; a análise da crônica jornalística requer conhecimento de sua natureza, identificação de seus aspectos físicos e intelectuais, conhecimento de seu contexto e intencionalidade, e definição de objetivos a serem alcançados em razão das necessidades informacionais de usuários potenciais de um serviço de informação.

Diante dessa constatação e como contribuição deste estudo, podemos afirmar que foi possível reconhecer, na investigação implementada, que o processo de análise da crônica jornalística pode ser estruturado mediante identificação e estabelecimento de categorias de informação referentes aos seus aspectos físicos e intelectuais.

A uniformidade de critérios deve estar garantida, evitando a atuação dos indexadores de forma isolada. Portanto, mesmo a crônica não apresentando uma estrutura textual como se apresentam os artigos científicos, os indexadores não precisarão realizar seu trabalho tão somente baseados em critérios pessoais, muitas vezes apoiados no bom senso, na experiência, na formação pessoal ou hábito. E, para tal, deve ser elaborado um manual de procedimentos ou um metadados que formalizem a tipologia de informações estabelecida, de forma a determinar o conteúdo de cada campo de registro de dados, além de nortear a normalização e padronização.

Acreditamos também que em centros de pesquisa especializada, a crônica jornalística se inclua no caso das obras literárias que requerem tratamento temático, o que será de grande valia para a pesquisa no âmbito das ciências sociais e literatura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não notícias faz-se a crônica**: histórias, diálogos e divagações. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 182 p.

BEGHTOL, Clare. **The classification of fiction**: the development of a system base on theoretical principles. Metuchen: Scarecrow Press, 1994. x, 366 p.

CAMPOS, Maria Luiza de A. indexação e descrição em arquivos: a questão da representação e recuperação de informações. **Revista Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jan./jun. 2006. p. 17-31.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Informação e movimento**: uma ciência da arte filmítica. Rio de Janeiro: Madgráfica Ed., 2000. 144 p. Bibliografia: p. 111-118.

COUTINHO, Afrânio. Teatro, conto, crônica, a nova literatura. In: _____. **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul América, 1971. v. 6.

DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? **Littera**, v. 4, n. 12, p. 46-51, 1974.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed. UnB, 1973. 437 p.

GARDIN, Jean Claude et. al. **La logique du plausible**: essays d'epistemologie pratique. Paris: Maison de Science de L'Homme, 1981. 331 p.

GARDIN, Jean Claude et. al. **La logique du plausible**: essays d'epistemologie pratique. Paris: Maison de Science de L'Homme, 1987. 299 p.

GOMES, Hagar Espanha (Coord.). **Organize sua biblioteca de literatura**. [s. l.: s. n.], [199-?]. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/biti/literatura/ index.htm>. Acesso em: 10 maio 2004.

HAYES, Susan M. Use of popular and literary criticism in providing subject access to imaginative literature. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 32, n. 4, 2001.

HJORLAND, Birger. Análise de domínio na ciência da informação: onze abordagens, tanto tradicionais como inovadoras. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002. Título original: Domain analysis in information science: eleven approaches, traditional as well as innovative. Tradução ainda não publicada, de Hagar Espanha Gomes.

HJORLAND, Birger. The concept of "subject" in Information Science. **Journal of Documentation**, vol. 48, no. 2, side 172-200, 1992.

HJORLAND, Birger. **Information seeking and subject representation.** Westport: Greenwood Press, 1997. 224 p.

INGWERSEN, Peter. Cognitive perspectives of information retrieval interaction: elements of a cognitive IR theory. **Journal of Documentation**, v. 52, n. 1, p. 3-50, mar. 1996.

KAIMOTE, A. P. M. C. Fato e ficção em crônicas de fim do milênio, de Antonio Callado. **ALEA**, v. 6, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2004.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Coord.). **Análise documentária**: considerações teóricas e experimentações. São Paulo, FEBAB, 1989. cap. 3 (p.45-57).

KOBASHI, Nair Yumiko. **A elaboração de informações documentárias**: em busca de uma metodologia. 1994. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

LAGO JUNIOR, Sylvio. O ofício do ensaísta. **Logos**-Comunicação e Universidade, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4-9, [2001?]. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~fcs/ publicações/Logos13_online.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2004.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. rev. ampl. e atual. até 2003. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452 p.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 245-258.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio, et. al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

SAYÃO, Fernando. Bases de dados: a metáfora da memória científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 314-318, set./dez. 1996.

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transiformação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004.

TELES, Gilberto Mendonça. Drummond. In: _____ . **A retórica do silêncio**: teoria e prática do texto literário. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 181-205.

VASCONCELLOS, Eliane; BASTOS, Dilza. Centro de Referência Carlos Drummond de Andrade. **Verbo de Minas**: Letras, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 73-84, jul./dez. 2005.